

Polibol na educação física: análise de um processo de ensino na escola

Polibol in physical education: analysis of a teaching process in school

Leandro Fernandes Garcia¹, Evandro Antonio Corrêa², Glauco Nunes Souto Ramos³,
Lilian Aparecida Ferreira⁴

¹ Prefeitura Municipal de Jahu (PMJ), Jahu, Brasil

² Faculdades Integradas de Jaú (FIJ), Jahu, Brasil

³ Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, Brasil

⁴ Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), Bauru, Brasil

HISTÓRICO DO ARTIGO

Recebido: 03 março 2021

Revisado: 26 abril 2021

Aprovado: 03 maio 2021

PALAVRAS-CHAVE:

Jogo; Educação Física Escolar;
Ensino; Práticas Corporais; Polibol.

KEYWORDS:

Game; School Physical Education;
Teaching; Body Practices; Polibol.

RESUMO

OBJETIVO: Analisar um processo de ensino com o polibol em aulas de Educação Física.

MÉTODOS: O estudo se pautou por uma abordagem qualitativa de investigação com orientação na pesquisa-ação, envolvendo 75 estudantes de três turmas de 5º ano de uma escola pública municipal de ensino fundamental anos iniciais. Enquanto instrumentos de coleta de informações foram utilizados questionários, registros de imagens das atividades e desenhos feitos pelos participantes referentes às vivências relacionadas ao jogo. Na construção da unidade didática, realizada em 12 aulas, os procedimentos adotados foram: mapeamento, planejamento, tema/problematização, ressignificação, aprofundamento, ampliação, registro e avaliação.

RESULTADOS: Os dados revelaram: alta receptividade entre os alunos, proporcionando um ambiente educacional favorável à diversificação do conteúdo nas aulas de Educação Física; alterações conceituais observadas nos conhecimentos relativos ao esporte; problematização da competição exacerbada, desencadeando reflexões sobre a integração de todos os participantes nas atividades desenvolvidas; aprofundamento e ampliação dos conhecimentos sobre esporte; maior respeito entre os alunos, especialmente quanto às questões de gênero e inclusão; mais responsabilidade e cooperação em tomadas de decisões e atitudes no jogo; dificuldade em compreender a dinâmica do polibol correspondente à utilização concomitante dos membros superiores e inferiores para conduzir a bola; presença significativa da influência do futsal entre os alunos, o que também tornou algumas aprendizagens da estrutura e dinâmica do jogo mais difíceis.

CONCLUSÃO: Após a realização deste estudo, podemos afirmar que a tematização do polibol fortaleceu a valorização de uma produção cultural local por parte dos estudantes, ampliando suas perspectivas para além da exclusividade dos esportes já conhecidos, envolvendo um olhar autêntico para os processos de produção das práticas corporais.

ABSTRACT

OBJECTIVE: To analyze a teaching process with polibol in Physical Education classes.

METHODS: The study was guided by a qualitative research approach with orientation in action research, involving 75 students from three classes of 5th year of a public elementary school in the early years. As instruments for collecting information were used: questionnaires, image records of the activities and drawings made by the participants referring to the experiences related to the game. In the construction of the didactic unit, carried out in 12 classes, the procedures adopted were: mapping, planning, theme / problematization, reframing, deepening, expansion, registration and evaluation.

RESULTS: The data revealed: high receptivity among students, providing an educational environment favorable to the diversification of content in Physical Education classes; conceptual changes observed in sports-related knowledge; problematization of exacerbated competition, triggering reflections on the integration of all participants in the activities developed; deepening and expanding knowledge about sport; greater respect among students, especially regarding gender and inclusion issues; more responsibility and cooperation in decision-making and attitudes in the game; difficulty in understanding the dynamics of the polibol corresponding to the concomitant use of the upper and lower limbs to guide the ball; significant presence of the influence of futsal among students, which also made some learning of the structure and dynamics of the game more difficult.

CONCLUSION: After conducting this study, we can say that the theme of polibol strengthened the valorization of local cultural production by students, expanding their perspectives beyond the exclusivity of recognized sports, involving an authentic look at the production processes of body practices.

INTRODUÇÃO

Especificamente na escola, a Educação Física, quando pautada pelo reconhecimento da cultura corporal como objeto pedagógico, se depara com um território de conflito que se expressa, como assinalam Neira e Nunes (2011, p. 678), na diversidade das produções das práticas corporais:

O jogo de poder cultural para definir significados e marcar fronteiras fica mais claro quando se analisam os artefatos da cultura corporal. Na arena de lutas pela imposição de significados, alguns podem ser mantidos por muito tempo à margem da sociedade (capoeira, funk, determinadas brincadeiras, algumas lutas, etc.).

Dentre as inúmeras manifestações da cultura corporal, o conteúdo esportes, ainda que seja hegemônico na Educação Física escolar, não é único e, por isso, vem se estabelecendo na disputa com as outras práticas corporais que poderiam/deveriam estar presentes nas aulas. Deste modo, compartilhamos a perspectiva alinhada à diversificação dos conteúdos (BETTI, 1999), entendendo que esta forma de ação daria condições para que os estudantes, no contexto escolar, ampliassem suas possibilidades de experimentações e significações corporais.

Para além da diversidade no campo das práticas corporais, esse posicionamento implica também em novas configurações para os modos de se pensar e ensinar os conteúdos da Educação Física. Como sinaliza Bracht (2010, p. 5), com o qual concordamos: “Assim, o tipo de abordagem, mais do que simplesmente a eleição de uma determinada prática, é que vai definir o conteúdo, ou seja, o que se espera que o aluno vá aprender”.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) indica que o desenvolvimento de outras práticas corporais que não as hegemônicas (regionais) nas aulas de Educação Física, conceituadas como, por exemplo, as brincadeiras e jogos, deveriam “[...] ser abordadas como fenômeno cultural dinâmico, diversificado, pluridimensional, singular e contraditório” e para “além da vivência, a experiência efetiva das práticas corporais oportuniza aos alunos participar, de forma autônoma, em contextos de lazer e saúde” (BRASIL, 2018, p. 211). Nessa concepção, o polibol como prática corporal pode ser privilegiado dentre as dimensões do conhecimento propostas na BNCC: Experimentação, Uso e apropriação, Fruição, Reflexão sobre a ação, Construção de valores, Análise, Compreensão e Protagonismo comunitário.

Neste sentido, a escola se torna espaço privilegiado para os processos de ensino e de aprendizagem, bem como, de democratização das produções e de construções de identidades plurais.

É neste cenário que surgiu o interesse em tornar públicos o reconhecimento e a valorização de uma prática corporal regionalizada: o jogo de polibol, criado nas aulas de Educação Física em Jaú, uma cidade do interior de São Paulo. Trata-se, assim, de reconhecer a escola como um espaço que dialoga com a realidade, não sendo refratário a ela e, por isso, num constante processo de novas produções culturais que assumem sentidos muito próprios e particulares para os distintos lugares sociais. Afinal, como propõe Candau (2011, p. 242) “[...] ter presente a dimensão cultural é imprescindível para potencializar processos de aprendizagem mais significativos e produtivos para todos os alunos e alunas”.

Dentro da dimensão cultural, por exemplo, Lavega et al. (2011, p. 7) relataram que, em 2003, na convenção de ministros e altos funcionários responsáveis pela Educação Física e Esporte,

a UNESCO destacou a relevância de “[...] revitalizar a prática de jogos e esportes tradicionais, expressão-chave da identidade cultural e promover a sua interação com o esporte moderno”.

A vivacidade desta produção cultural encontra eco quando, no ano de 1980, o professor Fernão de Toledo Castro ministrava suas aulas de Educação Física em uma instituição escolar da cidade de Jaú/SP. No interior destas aulas, surgiu uma problemática entre dois grupos de estudantes na qual um queria jogar handebol e outro, futsal. Como os alunos não chegaram a um acordo, o professor determinou que, quando uma equipe tivesse com a posse de bola, esta jogaria handebol, enquanto a outra, ao conquistar a bola, jogaria futsal.

Com tal dinâmica, o polibol passou a ter dois tipos de condução de bola, ou seja, um manejo com os pés e outro com as mãos (CASTRO, 2007). Posteriormente, foram acrescentados ao jogo elementos vinculados ao basquetebol, voleibol e queimada. Essas inserções e influências no jogo passaram a configurar outras possibilidades de pontuação e de jogadas, como no caso do basquetebol. Assim, era possível fazer a cesta com as mãos e também com os pés. A queimada surgiu no jogo a partir da percepção de que os jogadores passavam muito tempo na área do goleiro, deste modo, quando este fizesse a defesa e tivesse a bola dominada na mão poderia “queimar” o adversário que estivesse dentro da sua área. O voleibol apareceu no polibol por causa de uma jogada inusitada de uma cobrança de um lateral: um aluno, ao receber tal cobrança, executou um levantamento “por cima” do voleibol em direção à área adversária e outro colega de equipe, que se deslocava em velocidade, saltou de fora para dentro da área com movimento da cortada e fez o gol, criando uma nova possibilidade de jogada para o polibol.

Para além dos elementos operacionais correspondentes aos modos de jogar, com a intencionalidade de fortalecer o respeito e valorizar atitudes positivas dos estudantes, surgiu a ideia do “cartão branco” (CASTRO, 2007). Este é utilizado quando ocorre uma jogada bonita ou alguma conduta de fair play durante a partida, seja dentro ou fora da quadra.

Outros fatores que fortalecem o impacto cultural local do polibol estão na presença desse jogo no contexto escolar nas aulas de Educação Física, como modalidade dos Jogos Escolares da Primavera do Município desde 2014 e seu reconhecimento como patrimônio cultural de natureza imaterial de Jaú, a partir da Lei no 5.262, de 06 de novembro de 2019 (JAHU, 2019).

Com base nos elementos aqui apresentados, entendemos o polibol como um jogo tradicional, na medida em que ilustra a cultura local, que é memória, mas também presente (FRIEDMANN, 1995). Além disso, como construção cultural local há mais de 40 anos, o polibol parece se alinhar aos apontamentos de Parlebas (2008, p. 287, tradução nossa), pois “[...] está intimamente ligado ao modo de vida da comunidade que o criou”. Neste sentido, o objetivo deste estudo foi analisar um processo de ensino com o polibol nas aulas de Educação Física.

MÉTODOS

O estudo se pautou por uma abordagem qualitativa de investigação com orientação na pesquisa-ação (FRANCO, 2005), na medida em que sua realização se deu no ambiente concreto da escola e esteve voltada para a construção de uma ação coletiva entre o professor de Educação Física e os estudantes do ensino fundamental correspondente ao ensino e à aprendizagem

do jogo de polibol.

Considerando o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente investigado (LUDKE; ANDRÉ, 1986), cabe ressaltar que, à época deste estudo, um dos autores deste artigo exercia o papel simultâneo de pesquisador e professor de Educação Física das turmas aqui analisadas.

Os participantes do estudo foram 75 estudantes de três turmas de 5º ano de uma escola pública municipal de ensino fundamental anos iniciais. Em respeito aos cuidados éticos com os que integraram o estudo, todos os estudantes tiveram as autorizações de seus pais/responsáveis, bem como, aceitaram participar da pesquisa. Estes foram escolhidos para integrar o estudo pois, após uma avaliação diagnóstica feita pelo professor com os alunos para iniciar o semestre letivo, foi identificado que muitos deles ainda não tinham tido a oportunidade de jogar o jogo de polibol nas experiências anteriores vividas nas aulas de Educação Física.

Os instrumentos utilizados para coleta de dados se deram por meio da aplicação de questionários aos alunos, bem como, foram registradas imagens das atividades pelo professor e captação da produção de desenhos feitos pelos participantes referentes às vivências relacionadas ao jogo de polibol. Com relação ao questionário, trata-se de um “[...] conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc.” (GIL, 2008, p. 121).

Dessa maneira, um questionário com perguntas abertas foi aplicado no início do desenvolvimento do ensino do polibol com as seguintes indagações: “1. Para você, o que são esportes? 2. Quais são os esportes que vocês já conhecem? 3. Você já jogou o jogo de polibol? Se sim, como é este jogo?”. Ao final da unidade didática, outro questionário com uma pergunta fechada foi aplicado aos participantes: “Para você, quais dessas atitudes fazem parte do significado do fair play? a) respeito; b) ‘jogo sujo’; c) responsabilidade; d) violência; e) cooperação; f) inclusão; g) egoísmo; h) autonomia; i) paciência; j) desrespeito; k) criatividade; l) confiança; m) agressividade; n) honestidade; o) ‘jogo limpo’”.

O processo de ensino junto às aulas de Educação Física, seguido da coleta de dados para a pesquisa, se efetivou por pouco mais de um bimestre letivo, envolvendo doze aulas. Esse processo teve como base a influência teórica dos Estudos Culturais (MCLAREN, 2000; GIROUX, 2001; CANDAU, 2011; NEIRA; NUNES, 2011; NEIRA, 2018), o material escrito sobre as origens e as regras do jogo de polibol (CASTRO, 2007) e as orientações curriculares oficiais que constavam no documento municipal para a Educação Física no ensino fundamental anos iniciais (MARQUES, 2016).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre os procedimentos didáticos efetivados, com apoio da proposta da Educação Física Cultural de Neira (2018), foram abordados os esportes como uma das manifestações da cultura corporal dentro das aulas de Educação Física e a inserção do ensino do jogo de polibol. A partir da identificação do tema foram organizadas as unidades didáticas com a seguinte proposta: a) abordagens conceituais de temas relacionados ao polibol e ao fair play; b) vivências práticas do polibol; c) oficinas didáticas

com professores convidados para promover a ampliação dos conhecimentos, por meio de parcerias, visitas, palestras, bem como vivências, vídeos e leituras diversas; d) rodas de conversa para promover reflexões e problematizações sobre o cartão branco nos jogos e a competição exacerbada; e) registros escritos e por desenhos sobre as vivências; f) palestras temáticas.

Destacamos que a unidade didática apresentada igualmente se apoiou na perspectiva do polibol como um jogo tradicional e com características que buscam promover o fair play.

Neste sentido, os jogos tradicionais são entendidos como assinalam Cruz, Gomes-da-Silva e Ribas (2015, p. 684), ou seja: “[...] representam um fenômeno socialmente importante porque pertencem à cultura popular, constituem-se num patrimônio imaterial da humanidade”. Isso significa que “[...] mesmo não tendo um pertencimento institucional (federações ou confederações) ou organização e sistematização de suas regras, permanecem na história, atravessam séculos e regiões” (p. 684).

Na esteira dessas ideias, o polibol pode contribuir com a formação integral dos alunos, dentro de uma lógica social que envolve o respeito, a ética e as regras atrelado às peculiaridades do fair play. Em conformidade a esses traços surge o “elemento tensão” para o qual Huizinga (2008, p. 12) assinala que “[...] apesar de seu ardente desejo de ganhar, deve sempre obedecer às regras do jogo”. Na construção da unidade didática para o ensino do jogo de polibol, os procedimentos adotados envolveram sete etapas inspiradas pelas proposições de Neira (2018), conforme Figura 1.



Figura 1. Dinâmica do processo de ensino realizado.

O mapeamento foi realizado como um procedimento didático auxiliar ao planejamento que pretendeu favorecer a compreensão dos conhecimentos prévios dos estudantes, caracterizando uma avaliação diagnóstica. As respostas foram anotadas no quadro branco e favoreceram reflexões sobre concepções de esportes e relatos de experiência dos alunos.

Na atividade de diálogo coletivo, os alunos responderam às questões, organizadas em palavras chaves, a saber:

“1. Para vocês, o que são esportes?” e as palavras chaves destacadas foram: competição; juiz; regras; treinamento; jogador(es); diversão; lazer; brincadeira; vontade de fazer; vontade de jogar; contato; preparo físico; professor; técnico; árbitro; “VAR”, um tipo de atividade física; uma cultura; vida; conjunto de atividades; saudável; prepara o corpo; disciplina; equipe; campeonato; uma forma de exercício; usam bola; usam chuteira, redes;

quadra; cesta; narrador.

“2. Quais são os esportes que vocês já conhecem?” e as respostas foram: futsal; futebol; queimada; basquetebol; handebol; voleibol; futebol americano; tênis; futevôlei; beisebol; corrida.

“3. Você já jogou o jogo de polibol?” Se sim, como é este jogo?” e obtivemos as seguintes respostas: 40% já tinham vivenciado o jogo; 35% tinham ouvido falar; 25% não conheciam ou nunca tinham ouvido falar. Quanto às características associadas ao jogo de polibol, os alunos assinalaram: handebol e futsal ao mesmo tempo; basquete também; queimada; a junção de todos os esportes; pé, judô; mão, basquete; goleiro; zagueiro; meio campo; gol; rede; bola de futebol e basquete; misturado futebol com basquete.

A partir da identificação do tema e do problema foram organizados o tempo para o desenvolvimento da unidade didática e as atividades desenvolvidas nesse período: a) abordagens conceituais de temas relacionados ao polibol e ao fair play; b) vivências práticas do polibol; c) oficinas didáticas com professores convidados para promover a ampliação dos conhecimentos; d) rodas de conversa para promover reflexões e problematizações sobre a participação de gênero nos jogos e a competição exacerbada; e) registros escritos e por desenhos sobre as vivências; f) palestras temáticas.

Nesse contexto de planejamento, concordamos com Neira (2015, p. 295) ao mencionar que “[...] a educação deve ser construída como um espaço público que promova essa possibilidade e como um local em que se forjem identidades sociais democráticas”. Deste modo, a democratização dos conhecimentos é uma ação educativa oportuna ao exercício da cidadania no ambiente escolar. Foi neste contexto que no planejamento para as atividades do ensino do jogo de polibol ganharam relevo as temáticas relacionadas à participação de gênero nos esportes da escola e à competição exacerbada, associadas à problemática do fair play como uma das ações defendidas pelo jogo em pauta.

A tematização do *fair play* permeou o ensino do jogo de polibol ao longo das aulas e foi orientada por uma estrutura pedagógica que envolveu: sua conceituação teórica e apresentação das regras do jogo; jogo de handebol utilizando a bola de futebol society e problematização da questão de gênero no esporte da escola; fundamentos e principais regras do basquetebol (o drible não é permitido) integradas ao handebol; inserção da queimada, com a ação do goleiro de queimar adversários dentro da sua área e regras de pontuação do polibol; fundamentos do futsal/futebol, incluindo a valorização dos princípios e valores do judô; tematização do fair play e do cartão branco; vivência integral do polibol com visita de professor palestrante. Como atividade avaliativa os estudantes apresentaram ilustrações e responderam a questões, registrando o conteúdo estudado. A Figura 2 apresenta como foi realizada a abordagem conceitual do jogo.

A etapa da ressignificação foi desenvolvida por meio do diálogo sobre as características únicas da lógica interna do polibol (regras e fundamentos técnicos e táticos) e lógica externa (motivação para a prática do jogo, origens do seu desenvolvimento, princípios e valores incorporados do judô). De posse dos fundamentos conceituais os alunos obtiveram elementos para ressig-

nificar a sua prática esportiva e compreender as inter-relações presentes nas interações humanas próprias do polibol.

Destacamos que a organização do processo de ensino do jogo de polibol se deu com base na sequência didática do sistema Fernão de Toledo Castro (FTC) como inspiração para o ensino técnico do jogo, apresentando a proposta de exercícios técnicos (exercícios de manuseio da bola, conduções de bola, deslocamentos pela quadra), jogos que apresentavam correlação com a lógica interna do polibol (jogo dos dez passes, por exemplo) assim como a incorporação de princípios éticos e morais apreendidos no ensino do polibol (rotinas pré e pós-jogo, inspiradas no judô) (LIMA; CASTRO; AMÉRICO, 2021).

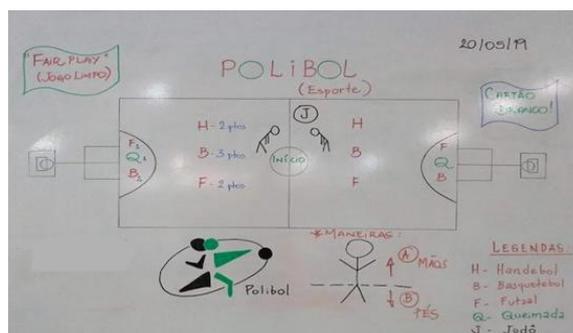


Figura 2. Representação do jogo do polibol.

Por ocasião dessas vivências práticas, foi identificada uma aparente dificuldade, por parte dos participantes, em compreender a dinâmica do polibol correspondente à utilização concomitante dos membros superiores e inferiores para conduzir a bola, o que pode estar relacionada à existência de diversas possibilidades no polibol em discordância com outras modalidades praticadas nas aulas. Outro aspecto que também se revelou foi a preponderância dos gestos esportivos associados ao futsal, manifestados pelos estudantes, contribuindo para que algumas aprendizagens da estrutura e dinâmica do jogo se mostrassem mais difíceis.

A experimentação prática ocorreu sem a divisão das equipes por gênero, permitindo que meninos e meninas interagissem em uma vivência do jogo esportivo, inseridos no processo de ensino do polibol. Nesse sentido, Louro (1996, p. 15) demonstra a necessidade da compreensão do conceito de gênero a fim de “[...] identificar o valor social assumido ou atribuído a homens e mulheres, bem como as regras de comportamento e valores, os quais interferem no nosso cotidiano, consequentemente nas escolas e nas aulas”. Portanto, “[...] o professor enquanto mediador no processo ensino aprendizagem no espaço escolar deve, sobretudo, desenvolver mecanismos que operem contra essa segregação entre as categorias de gênero” (PAIXÃO; RIBEIRO, 2020, p. 4).

Além da relevância das questões de gênero, os alunos, durante as vivências do jogo, compreenderam a importância da competitividade, sem a exacerbação, buscando uma postura de jogo limpo e postura ética. O polibol foi ensinado por meio da busca de seus significados que caminham lado a lado com o fair play.

Os desenhos dos estudantes elucidaram esse processo de compreensão do polibol, envolvendo elementos que foram

além dos aspectos técnicos e táticos do jogo, na medida em que trouxeram questões das equipes mistas propostas pelo jogo. A Figura 3 é elucidativa a esse respeito.

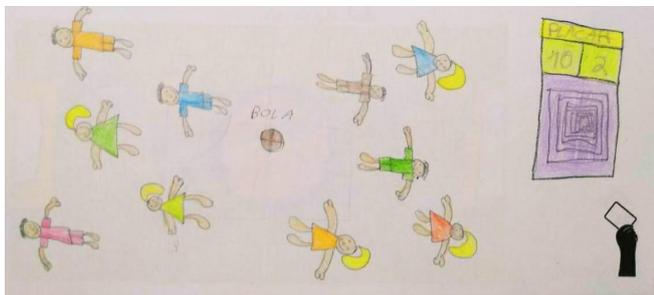


Figura 3. Visão dos alunos sobre o polibol.

Outro elemento significativo trazido pelos desenhos dos estudantes foi a representação de um participante em uma situação de jogo na qual se pode observar o fair play, com o reconhecimento de um erro e a busca pela reconciliação. Tal atitude, no jogo do polibol, tende a ser destacada como valorosa por meio da apresentação do cartão branco.

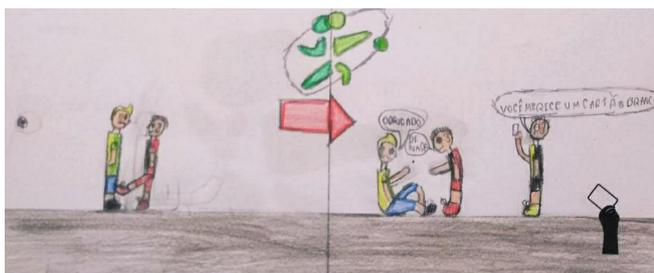


Figura 4. Atitude para o cartão branco.

O uso do cartão branco e a valorização do fair play vividos no jogo de polibol junto às aulas de Educação Física podem contribuir para o debate e a minimização de conflitos que vão desde xingamentos até agressões físicas. Por se tratar de um jogo sociomotriz com companheiros/cooperação e adversários/oposição, comunicação e contracomunicação, papéis/subpapéis, permite múltiplas interações entre os participantes e que, igualmente, podem gerar conflitos. A esse respeito Marques, Ramos e Ferreira (2020, p. 11) relatam que os conflitos ainda que sejam "(...) gerados por visões divergentes de um estudante (ou de um grupo) no decorrer dos jogos (...)", podem se estabelecer como um importante momento de aprendizagem para os alunos, possibilitando reflexões sobre as ações e maior respeito na relação com o outro.

Para além desses apontamentos, Ramos e Ferreira (2021, p. 96) ao explorarem os elementos correspondentes ao polibol, especificamente sua regra com a presença do cartão branco, compreendem como "[...] uma estratégia que pretende reconhecer e tornar pública uma ação solidária no jogo, uma jogada esteticamente apreciada, uma criação inovadora de movimento, dentre outras possibilidades".

Todavia, à luz da teoria praxiológica, Ramos e Ferreira (2021) entendem que a regra do cartão branco caminha numa dire-

ção de maior aproximação com a lógica externa e não com a lógica interna. Isso significa, para os autores, que a aplicabilidade do cartão branco pode ou não incentivar um determinado comportamento ou ação por parte dos jogadores, mas não o condiciona. Em tal leitura praxiológica "[...] a busca pela manifestação/construção de determinada conduta motriz (respeito, solidariedade etc.) precisa estabelecer relação com a estrutura e dinâmica das situações motrizes e, neste sentido, as regras precisam explicitar a proposição desejada" (RAMOS; FERREIRA, 2021, p. 96).

Já em relação às ações motrizes do polibol, para Corrêa et al. (2021, p. 72) os valores implícitos em sua prática, as relações interpessoais e intencionalidades educativas também podem ser consideradas e "[...] estão presentes nas teias de relações de indivíduos interdependentes (alunos e professores) e que se configuram nas relações que se estabelecem na dinâmica da lógica interna e externa do jogo".

Desse modo, foi desenvolvido um processo de ensino do jogo tradicional, mais especificamente do polibol, que permitisse aos alunos sair da superficialidade dos conhecimentos sobre o tema ao mesmo tempo que vivenciariam tal prática corporal nas aulas de Educação Física.

Dentre as possibilidades de aprofundamento, a prática dialógica durante a tematização, segundo Oliveira Júnior e Neira (2020, p. 4), "[...] leva os estudantes a se sentirem à vontade para comentar sobre as atividades de ensino. A ampliação, aprofundamento e ressignificação dos conhecimentos decorrem da organização e desenvolvimento das atividades de ensino".

Assim, outro fator relevante desse processo de ensino, foram os diálogos estabelecidos entre o professor e os estudantes, mobilizando a curiosidade e as interações entre eles. Neira (2018, p. 26) situa "[...] a instituição educativa como locus da construção de uma postura aberta ao diálogo com as diferenças, aspecto cada vez mais relevante quando se considera a característica multicultural da sociedade contemporânea". Nesse sentido, destacamos a importância de se reconhecer o diálogo como fonte de reconhecimento às diferentes formas de perceber, pensar e agir dos estudantes.

Esta etapa foi cumprida pela oficina didática de polibol proporcionada pelo próprio idealizador e desenvolvedor do jogo, o Professor Fernão de Toledo Castro, que visitou a escola por duas oportunidades. Em tais visitas, o professor contextualizou o processo de criação deste jogo, proporcionou experimentações práticas e a dinâmica do uso do cartão branco.

Para Garcia (2020, p. 88) "[...] o diálogo, a valorização das identidades locais e a atenção à diversidade se constituem como uma significativa dinâmica pedagógica de ampliação das possibilidades de ensino para as aulas de Educação Física". Essa perspectiva ressalta a relevância das produções culturais provenientes da própria comunidade aos processos de ensino e de aprendizagem. Proposição semelhante aparece anunciada na BNCC (BRASIL, 2018) ao indicar que o ensino dos jogos transite desde o cenário comunitário, regional, nacional até o mundial, dando relevo aos aspectos culturais dessa construção.

Nessa mesma lógica, evidenciamos a concepção de Silva (2005) quando argumenta acerca da prerrogativa dos currículos inspirados nos Estudos Culturais em equiparar, de certa maneira, as diversas formas de conhecimento. Sendo assim, enfatizamos a atitude de autovalorização e respeito pelo município,

tendo em vista a possibilidade de os estudantes conhecerem pessoalmente o criador do jogo.

Já a etapa da ampliação dos conhecimentos foi alcançada com a adoção de estratégias de ensino variadas, como: parcerias, visitas, vivências, palestras, vídeos e leituras diversas. Assim, para Neira (2018, p. 25) a “[...] ampliação impulsiona novas significações quando propicia o contato com os modos de significar anunciados por quem vivencia a manifestação estudada”, da mesma forma, “[...] implica recorrer a outros discursos e fontes de informação” (p. 69). Portanto, entendemos que a diversificação neste contexto pode ter dado condições para que os estudantes ampliassem suas perspectivas sobre jogos e esportes, bem como, tivessem acesso a novas experiências corporais.

Com relação ao registro e avaliação, Neira (2018, p. 73) faz uma análise articulada deles, uma vez que o registro “[...] facilita ao professor ou professora a retomada do processo para socialização de saberes, discussão em sala de aula e redirecionamento da ação educativa”. Do mesmo modo, a avaliação vai além da observação, alicerçando-se nos registros elaborados pelo professor ou alunos, que podem ser por: anotações durante ou após as aulas, filmagens, fotografias, gravações em áudio, diversos aplicativos disponíveis nos celulares e smartphones, e que podem ser recolhidas e arquivadas exemplares dos materiais (desenhos, escritos, imagens etc.) que foram elaborados pelos discentes durante as aulas ou a partir delas.

A avaliação obedeceu ao método qualitativo, preocupando-se com a apropriação dos conteúdos e gerando uma melhor compreensão acerca do tema, considerando as dimensões conceitual, procedimental e atitudinal dos conhecimentos. As atividades avaliativas partiram do princípio do acompanhamento e não da seleção.

Como parte do processo avaliativo, podemos citar algumas atividades realizadas no decorrer do processo de ensino: a) mapeamento dos conhecimentos prévios dos alunos sobre o polibol (avaliação diagnóstica); b) questões conceituais (acerca dos conceitos de jogo e esporte, sua contextualização histórica e questões técnicas e táticas do polibol); c) narrativas orais dos alunos com base nas questões colocadas pelo professor; d) registros iconográficos dos alunos.

Correspondente à questão: “Para você, quais dessas atitudes fazem parte do significado do fair play?”, entre os 75 alunos das três turmas participantes da pesquisa, tivemos a devolutiva de 68 alunos, envolvendo as seguintes respostas/ocorrências: respeito (66); honestidade (66); responsabilidade (65); “jogo limpo” (65); cooperação (64); paciência (62); criatividade (61); confiança (59); inclusão (53); autonomia (39).

Dentre as respostas, verificamos ainda que os itens jogo sujo, violência, egoísmo, desrespeito não foram assinalados pelos alunos. Isso leva à reflexão de que para os discentes esses tópicos não faziam parte do fair play, ou seja, esses adjetivos/substantivos seriam contrários aos promovidos pelo jogo limpo e fugiam aos princípios do polibol e do cartão branco.

Esses e outros fatores podem ser fortalecidos e atrelados ao trabalho desenvolvido pelo professor nas aulas de Educação Física, pelos demais professores de outros componentes curriculares, pela equipe gestora da escola, pelos pais e responsáveis, por amigos, pois envolvem as inter-relações que compõem uma cultura. Sobre isso, Santomé (2001, p. 168) afirma que “[...] a cultura de cada povo não traduz outra coisa que seus constructos conceituais, seus sistemas simbólicos, seus valores, crenças,

pautas de comportamento etc.”.

Assim, entendemos que a instituição escolar é o espaço privilegiado para maximizar/potencializar ou minimizar/atenuar o debate e a reflexão sobre esses valores (positivos e negativos) nos processos de ensino e de aprendizagem (MOREIRA; CANDAU, 2003)

As dimensões relacionadas ao processo de ensino e de aprendizagem e os desafios encontrados na busca de uma construção que seja significativa diante da diversidade apresentada pelos estudantes implicam numa visão ampliada do papel da escola. Balizado por este mesmo olhar, Giroux (2001, p. 92) sinaliza que “[...] os Estudos Culturais rejeitam, energeticamente, o pressuposto de que os/as professores/as são simplesmente transmissores/as de configurações existentes de conhecimento”.

Nesse sentido, refletimos sobre a busca de alternativas para o processo de ensino da Educação Física escolar e, dentre as diferentes práticas corporais, o polibol se mostrou como possibilidade/realidade na construção de atitudes, como: respeito, “jogo limpo”, responsabilidade, cooperação, inclusão, autonomia, paciência, criatividade confiança e honestidade.

Em relação às percepções do docente, indicamos a alta receptividade dos alunos ao polibol, proporcionando um ambiente educacional favorável à diversificação do conteúdo esporte nas aulas de Educação Física.

Os elementos destacados neste processo de ensino foram: alterações conceituais observadas nos conhecimentos dos estudantes relativos ao esporte; problematização da competição exacerbada, desencadeando reflexões sobre a integração de todos os participantes nas atividades desenvolvidas; aprofundamento e ampliação dos conhecimentos sobre jogo e esporte; maior respeito entre os alunos, especialmente quanto às questões de gênero e inclusão; mais responsabilidade e cooperação quanto às tomadas de decisões e atitudes no jogo.

CONCLUSÃO

Considerando que este estudo teve como objetivo analisar um processo de ensino com o polibol nas aulas de Educação Física escolar, podemos afirmar que tal processo proporcionou situações que potencializaram o desenvolvimento dos alunos em direção ao aprendizado de princípios e valores para transformação de padrões éticos no jogo e no esporte, bem como, no contexto social mais amplo.

Entre os apontamentos identificados nesta investigação, a questão do esporte foi compreendida pelos alunos numa relação de ambiguidade entre: a) competição, árbitro, regras, treinamento e preparação física, disciplina, espetáculo e, b) diversão, lazer, atividade física e saúde.

O processo de ensino desenvolvido evidenciou um fortalecimento do significado de fair play, o que auxiliou no entendimento dos alunos sobre o jogo limpo, respeito, honestidade, responsabilidade, cooperação, entre outros. Tais circunstâncias parecem ter contribuído com um espaço de reflexão entre os alunos, mediado pelo professor que também pode, neste momento, fazer uso do cartão branco, minimizando e superando conflitos como xingamentos e ações de violência em geral.

Correspondente aos desafios relativos às aprendizagens do jogo, verificamos dificuldade por parte dos alunos em compreender a sua dinâmica no tocante à utilização concomitante dos

membros superiores e inferiores para conduzir a bola. Outro aspecto que também se revelou foi a preponderância dos gestos esportivos associados ao futsal, manifestados pelos estudantes, contribuindo para que algumas aprendizagens da estrutura e dinâmica do jogo se mostrassem mais difíceis.

Para além destes aspectos, a tematização deste jogo valorizou uma produção cultural local por parte dos estudantes, ampliando suas perspectivas para além da exclusividade dos esportes já conhecidos, envolvendo um olhar autêntico para os processos de produção das práticas corporais.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 5. ed. Lisboa: Edições 70, 2009.
- BRACHT, V. A Educação Física no Ensino Fundamental. In: I Seminário Nacional: currículo em movimento – perspectivas atuais. **Anais...** Belo Horizonte, novembro de 2010.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acessado em: 25 de abril de 2021.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto Editora, 1994.
- BETTI, I. C. R. Esporte na escola: mas é só isso, professor? **Motriz**, Rio Claro, v. 1, n. 1, p. 25-31, 1999.
- CANDAU, V. M. F. Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas. **Currículo Sem Fronteiras**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 5-25, 2011.
- CASTRO, F. T. **Polibol**: Guia Prático. Sistema FTC de Ensino: Jaú, 2007.
- CORRÊA, E. A.; LIMA, D. T.; GARCIA, L. F.; HUNGER, D. Polibol na educação física: do jogo ao esporte. In: CASTRO, F. T. (Org.). **Polibol**: do jogo ao esporte. Curitiba: CRV, 2021. p. 47-77.
- CRUZ, R. W. S.; GOMES-DA-SILVA, P. N.; RIBAS, J. F. M. Jogo tradicional-popular e aprendizagem: uma análise teórica das comunicações dos jogadores. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 96, n. 244, p. 683-701, 2015.
- ESTEBAN, M. P. S. **Pesquisa qualitativa em educação**: fundamentos e tradições. Porto Alegre: AMGH, 2010.
- FRANCO, M. A. S. A Pedagogia da pesquisa-ação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, 2005.
- FRIEDMANN, A. **Jogos tradicionais**. Publicação: Séries Ideias, n.7. São Paulo: FDE, 1995. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_07_p054-061_c.pdf>. Acessado em: 15 de dezembro de 2020.
- GARCIA, L. F. **O ensino das lutas nas aulas de educação física na escola**: Possibilidades e desafios. 2020. 115f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física) – Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2020.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Editora Atlas, 2008.
- GIROUX, H. A. Praticando estudos culturais nas faculdades de educação. In: SILVA, T. T. da (Org.). **Alienígenas na sala de aula**: uma introdução aos estudos culturais em educação. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.
- HUIZINGA, J. **Homo ludens**: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- JAHU. Prefeitura Municipal de Jahu. **Lei nº 5.262**, de 06 de novembro de 2019. Considera o Polibol Patrimônio Cultural do Município de Jahu. Diário Oficial: Seção 1, Jahu, SP, ano XIII, n. 921, p. 1, Semana de 08 a 14 de novembro de 2019.
- LAVEGA BURGUE, P.; RIBAS, J. F. M.; MARIN, E. C.; SOUZA, M. S. Os Jogos Tradicionais no Mundo: associações e possibilidades. **Licere**: Belo Horizonte, v. 14, n.2, p. 1-19, 2011.
- LIMA, L. B. C. R.; CASTRO, L. B.; AMÉRICO, M. O polibol como prática educacional no desenvolvimento integral do aluno sob a ótica do sistema FTC de ensino. In: CASTRO, F. T. (Org.). **Polibol**: do jogo ao esporte. Curitiba: CRV, 2021. p. 125-34.
- LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1996.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.
- MARQUES, R. G. V.; RAMOS, G. N. S.; FERREIRA, L. A. Conflitos em jogos de futsal e de handebol: reflexões praxiológicas. **Conexões**, Campinas, v. 18, e020018, 2020.
- MARQUES, M. V. (Org.). **Proposta curricular de Educação Física para as séries iniciais do ensino fundamental de Jaú (SP)**. Desenvolvimento de material didático ou instrucional - Material didático curricular - impresso. Coletivo de Professores. Jahu, 2016.
- McLAREN, P. **Multiculturalismo crítico**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- MOREIRA, A. F. B.; CANDAU, V. M. Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 156-68, 2003.
- NEIRA, M. G. **Educação física cultural**: inspiração e prática pedagógica. Jundiá: Paco, 2018.
- NEIRA, M. G. O currículo cultural da Educação Física: uma resposta aos dilemas da contemporaneidade. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 16, n. 31, p. 276-304, 2015.
- NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. Contribuições dos estudos culturais para o currículo da Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 33, p. 671-85, 2011.
- OLIVEIRA JUNIOR, J. L.; NEIRA, M. G. Significações dos estudantes sobre o currículo cultural da Educação Física. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, Porto Alegre, v. 42, e2037, 2020.
- PAIXÃO, J. A.; RIBEIRO, C.Q. Prática docente frente às questões de gênero no cotidiano das aulas de educação física. **Horizontes**, Itatiba, v. 38, n. 1, e020014, 2020.
- PARLEBAS, P. **Léxico de praxiologia motriz**: juegos, deportes y sociedades. Barcelona: Paidotribo, 2008.
- RAMOS, G. N. S.; FERREIRA, L. A. Polibol: uma análise praxiológica inicial. In: CASTRO, F. T. (Org.). **Polibol**: do jogo ao esporte. Curitiba: CRV, 2021. p. 79-100.
- SANTOMÉ, J. T. As culturas negadas e silenciadas no currículo. In: SILVA, T. T. da (Org.). **Alienígenas na sala de aula**: uma introdução aos estudos culturais em educação. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.
- SILVA, T. T. da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução a pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem aos membros do Núcleo de Estudos e Pesquisas das Abordagens Táticas nos Esportes Coletivos (NEPATEC) da UNESP/Bauru.

CONFLITO DE INTERESSE

Os autores do estudo declaram não haver conflito de interesses

FINANCIAMENTO

Este estudo não teve apoio financeiro.

ORCID E E-MAIL DOS AUTORES

Leandro Fernandes Garcia (Autor Correspondente)

ORCID: 0000-0002-8722-831X.

E-mail: leeducajahu@gmail.com

Evandro Antonio Corrêa

ORCID: 0000-0003-2644-2838.

E-mail: prof.evandrocorrea@gmail.com

Glauco Nunes Souto Ramos

ORCID: 0000-0003-2644-2838.

E-mail:

Lilian Aparecida Ferreira

ORCID: 0000-0001-8517-4795.

E-mail: lilian.ferreira@unesp.br